



**Universidade:
presente!**

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21.25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	A ESCRAVIDÃO COMO ENTRAVE PARA UMA SOLIDARIEDADE ENTRE CLASSES: LEITURA DE UM CONTO DE MACHADO DE ASSIS A PARTIR DA CATEGORIA DA INTERSECCIONALIDADE
Autor	SOFIA RECK DOS SANTOS
Orientador	ANTONIO MARCOS VIEIRA SANSEVERINO

A ESCRAVIDÃO COMO ENTRAVE PARA UMA SOLIDARIEDADE ENTRE CLASSES: LEITURA DE UM CONTO DE MACHADO DE ASSIS A PARTIR DA CATEGORIA DA INTERSECCIONALIDADE

Sofia Reck dos Santos (UFRGS, bolsista voluntária)

Orientador: Prof.º Dr. Antônio Marcos Vieira Sanseverino (UFRGS)

RESUMO: o presente trabalho parte de reflexão pautada na intersecção das categorias escravidão e gênero no conto “História comum”, de Machado de Assis, publicado em 1883 no periódico *A Estação*. A interpretação fundamenta-se na relação entre a mucama Felicidade e a sinhá Clarinha, filha do meio da família. A chave de leitura foi proposta a partir do recorte de uma cena (AUERBACH, 2015), a fim de evidenciar o desnível que Clarinha acoberta ao enxergar Felicidade por meio de uma solidariedade precária, que simultaneamente reconhece a relação desigual entre as duas mas não se articula a uma disjunção plena entre a pessoa de Felicidade e sua condição de escrava (SLENES, 2011). Para retratar a natureza dessa relação foi utilizada a noção de reificação a partir de Lukács (2003 [1923]), condição imposta a Felicidade e em certa medida por ela internalizada. Isso fica evidente por meio da prontidão e o carinho que dedica à realização dos pedidos de suas senhoras, ao mesmo tempo que impede que seja vista enquanto sujeito histórico não caracterizado unicamente pela escravidão (situação que Machado de Assis também denuncia no conto “Mariana”, de 1871). A partir dessa leitura pontual, é possível interrogar o quanto a cena selecionada se transforma em denúncia direcionada às mulheres brancas leitoras de *A Estação*: a leitura do conto seria suficiente para o reconhecimento da condição das escravas? A cena extraída de “História comum” abre margem para se pensar a refração dessa leitura a fim levá-la a outros momentos em que se tensionam solidariedade afetiva (afinidade de gênero) e coisificação (limites da escravidão). Essa interpretação está articulada com o chão histórico do Brasil oitocentista, escravocrata, feita a partir de Chalhoub (2003, 2018). O recorte de gênero se apoia nas noções de interseccionalidade propostas por Angela Davis (2016 [1981]) e Carla Akotirene (2018), remetendo à solidariedade de Clarinha.